



OS GALEGOS DE LONDRES

De umha óptica pessoal, Carlos Durão ilustra-nos sobre o associacionismo galego em Londres desde a segunda metade do século XX. Do *Galician Programme* da BBC à organização de Nunca Mais após a maré negra do *Prestige*, do relacionamento com o antifascismo ao Acordo Ortográfico da língua portuguesa, entre outras questons.

AS COUSAS QUE JÁ SOM TUAS

Mario Regueira é o autor convidado deste mês ao nosso espaço de criação. Crítico e membro do projecto editorial autogerido Estaleiro Editora, achega-nos um texto que fala da guerra e da expeçulaçom. Um relato que perfeitamente poderia estar ambientado na Galiza. Ou nom.

CULTURAS E ALFÂNDEGAS

“Que o cidadao médio castelhano conheça a sua pequena quota de sistema cultural lusófono através da alfândega espanhola é natural. É um produto numha língua estrangeira. Que na Galiza aconteça o mesmo virou natural mas devia preocupar-nos. Que na alfândega decidam por nós o que devemos ouvir ou deixar de ouvir na nossa língua é umha carência e fala claro da escassa soberania do nosso sistema cultural”.

QUE FOI DE...

República Soviética da Galiza

C.C.V.

Conta nas suas memórias Luís Souto, o secretário comunista de Castelão, como o médico ourensano Fernandes Carneiro com outros camaradas, “proclamou a República Soviética Galega Independente na cidade de Ourense. O “choio” foi deste jeito: O doutor, com quatro ou cinco companheiros mais, obreiros da construção, subiu ao Governo Civil na rua do Progresso, prenderam o Governador, pecharam-no num quatro, retiraram a bandeira republicana do balcão do Governo Civil e içaram

ram uma com uma fouce e um martelo vermelho, que dizia em letras douradas República Soviética Independente de Galiza”. Souto diz que foi em 1932 –ano da mais dura greve revolucionária dos operários do caminho-de-ferro–, mas quiçá se confunda com o 25 de junho de 1931, quando se produziram idênticos acontecimentos, dous dias antes de quem em Compostela se conforme a Junta Revolucionária Galega com Antão Alonso Rios –na altura praticamente “presidente da Galiza” em funções, por palavras de

Castelão, pois fora elegido presidente da Assembleia polo Estatuto do Estado Galego de 4 de junho celebrada na Corunha –à cabeça. Pouco durou esta República Galega, pois o governo espanhol aceitou manter as obras do caminho-de-ferro um ano

mais, provocando a desmobilização. Colectivos de Ordes, Cerzeda e a Laracha estão a programar uma jornada na que se celebre o 79º Aniversário da República Galega, tirando do olvido este fito histórico.

Haverá quem recorde um engraçado mural do coletivo reintegracionista Meendinho, que dizia “Galícia, região polaca. Galiza, nação atlântica”, jogando com o parecido topónimo da região polaca. O caso é que Galícia sim foi uma república socialista soviética lá entre o 8 de maio de 1920 e o 21 de setembro de 1920, durante a Guerra Polaco-Soviética. Fora estabelecida polo Comité Revolucionário de Galícia (Galrevkom) e um governo provisório dirigido por Vladimir Zatonsky, com capital em Tarnopol (pois não controlava a cidade mais importante, Lviv). Uma das medidas mais interessantes que se tomaram na República Soviética de Galícia foi a de outorgar-lhe igual estatuto às três línguas faladas na região: o polaco, ucraniano e yidish. Também assume competência em moeda, educação, e recruta o Exército de Galícia. A Paz de Riga em 1921, confirmou a inclusão de Galícia em Polónia.

Vladimir Zatonsky por pouco não fora executado como contrarrevolucionário em 1918 quando o exército vermelho toma Kiev. Não se livrou no 3 de novembro de 1937, quando é detido e condenado a morte, sendo executado no 29 de julho de 1938. Ao ex-presidente de Galícia de pouco lhe valeu a sua condecoração da Ordem da Bandeira Vermelha de

ter sido membro do Comité Executivo Central de Todas as Rússias em 1934.

Da Galícia do Leste saíram nomes como Billy Wilder ou Wilhelm Reich; e outros menos afortunados como João Paulo II. Na Galiza do Oeste, de tornar-se numa República Soviética, a capital teria que ser Ourense. Esta “provincia” era durante a II República a terceira com mais militantes comunistas do Estado –para paradoxo dos sacerdotes da mitologia industrial–, e uma das zonas mais combativas da Galiza, como o demonstraram nas luitas agrárias ou na citada greve do caminho-de-ferro. É de justiça recordar a Benigno Álvares, o veterinário de Maceda; Santiago Álvares Gomes, fundador do Partido Comunista da Galiza e comissário político das Milícias Populares Galegas, ou Concha Limia Cid, incansável militante comunista, voz galega de Rádio Pirenaica emitindo desde Bucareste... Mas também as Mocidades Nacionalistas de Cela Nova, as mais revolucionárias, arredistas e numerosas de todo o país, com Celso Emílio e Pepe Velo à cabeça.

NOTAS

Luís Souto, *Castelão, a U.P.G. e outras memórias*, Xerais, Vigo, 1983, p. 141-142. “Em russo “Galíciya”, em polaco “Galicia”, em eslovaco “Halíc” e em alemão “Galizien”.



Da Galícia do Leste saíram nomes como Billy Wilder ou Wilhelm Reich; e outros menos afortunados como João Paulo II. Na Galiza do Oeste, de tornar-se numa República Soviética, a capital teria que ser Ourense. Esta “provincia” era durante a II República a terceira com mais militantes comunistas do Estado e uma das zonas mais combativas da Galiza, como o demonstraram nas luitas agrárias ou a greve do caminho-de-ferro



QUE FOI DE...

GALEGOS DE LONDRES NOTAS

Carlos Durão

Tentarei sintetizar algo da atividade cultural e política dos que talvez poderíamos denominar “galegos de Londres”, nos derradeiros decénios, e sempre do meu ponto de vista e lembranças, necessariamente limitados.

A emissora de rádio britânica BBC tivera o *Galician Programme* entre 1947 e 1956. Dele encarregava-se Alexandro Raimúndez; Plácido R. Castro foi ali o colaborador principal, mas também, desde a Galiza, F. Fernández del Riego e, com menos participação, Augusto Assía, R. Carvalho Calero, Celso E. Ferreiro, Ramón Piñeiro, Manuel María, Ben-Cho-Shey, Ánxel Fole, R. Otero Pedraio, R. Vilar Ponte, F. López Cuevillas, F. Bouza-Brey, Xosé María e Emilio Álvarez Blázquez, L. Carré Alvarellos, Rafael Dieste, Álvaro Cunheiro e outros.

O conteúdo era mormente cultural, mas a sua projeção política era clara: eram os anos do governo no exílio, presidido por José Giral (no que estava Castelão), e em que a ONU decretara o isolamento do regime de Franco. Não foram as únicas emissões galegas no estrangeiro naquela época: em Buenos Aires tinha então Luís Seane o programa de rádio Galicia emigrante e, de Nova

Iorque, chegava a voz galega de E. Guerra da Cal na *Voice of America*.

Trabalhei nesse departamento, mas nos anos 60, quando se chamava *Spanish and Portuguese Section*, e já estavam ali Ramón Lugiés e Fernando Pérez-Barreiro; entre os colaboradores da Galiza estava na altura V. Paz Andrade; por parte portuguesa colaborava António de Figueiredo (que fora secretário de Humberto Delgado: lembrava que galegos e portugueses colaboraram no sequestro do navio português Santa Maria).

Existia um Centro Ibérico onde travamos relação muitos oponentes dos regimes franquista e salazarista com outros exilados: anarquistas espanhóis da CNT; catalães exilados já desde a ditadura de Primo de Rivera e antifascistas portugueses, que tinham também o seu Centro, onde nós, os galegos, éramos sempre bem-vindos.

Estava também Carles Busquet, que passara a colaborar com os serviços secretos britânicos na 2ª guerra mundial e dava-nos informação sobre os antifascistas galegos em operações inglesas, como o desembarco em Narvik, ou soviéticas, como do general galego Líster, ou dos galegos que lutaram na Divisão Leclerc, que libertou Paris, ou os que foram ter ao campo de concentração de Mauthausen, e também do Consello de Galiza.

Era a época das grandes manifestações, contra a guerra do Vietname; a favor de Bernadette Devlin; o maio do 68; as ocupações de casas vazias; a grande manifestação do 73 contra a visita de Marcelo Caetano, momento álgido da luta antifascista portuguesa, na que havia uma forte presença de galegos, com bandeiras de estrelas, e onde se confundia “o português” e “o galego” nos cartazes.

Ao Grupo de Trabalho Galego de Londres pertenciam M^{te} Teresa Barro, Fernando Pérez-Barreiro Nolla, Xavier Toubes, Manuel Fernández-Gasalla, e eu próprio. Publicava um *Boletim* quasi-bimes-



A esquerda, Alexandro Raimúndez, acompanhado de seus pais e seu irmão pequeno

tral, que enviava aos mestres rurais para se familiarizarem com a primeira Lei do Ensino, de 1970, pela possibilidade que abria de ensinar galego na escola. A sua seção de correspondência estava aberta fundamentalmente aos mestres, mas também a qualquer vulto interessado nestas questões, como foi o caso de Ben-Cho-Shey, Agostinho da Silva ou Rodrigues Lapa, que enviavam contributos. No n.º 9 fazia-se um primeiro intento de adaptar textos de Castelão à ortografia comum. Publicaram também um *Plano Pedagógico Galego*.

Andando o tempo, aquele grupo cindiu-se amistosamente num novo GTGL, e mais um Seminário de Estudos Galegos de Londres (no que estava eu), em colaboração com a Comissão Cultural do Centro Galego de Londres e o Greater London Council. Foi útil a colaboração dos italianos de *Lotta Continua*.

O CGL celebrava o Dia das Letras Galegas, o Dia da Pátria Galega, romarias, juntações, bailes; ali conseguimos levar em diferentes épocas conferenciantes como X.A. Montero, J.L. Fontenla R., Santiago Álvarez, I.A. Estraviz, Camilo Nogueira, David Mackenzie. Fora Presidente durante anos Manuel Díaz, do PCG. Publicou a revista *Galicia en Londres* e mais uma edição inglesa de *A Virxe do Cristal*, de Curros. Na Comissão Cultural do Centro Galego de Londres desenvolvi eu trabalhos e traduzi para galego os Estatutos do Centro.

Mantinha contatos com *Amnesty International*, à que apresentei um relatório no 70 a respeito da situação da língua na Galiza, e sobre a prisão de X.L. Méndez Ferrín por ter escrito um romance sobre a guerrilha galega. AI enviou um advogado à Galiza para assessorar no caso. E ainda li uma nota sobre

Muitas diferenças com alguns diretivos das formações políticas galegas “de esquerda” tiveram a sua origem na conceção da nossa língua e também na crítica a questões como a do “moldávio”

Ferrín pelos microfones da BBC.

Quanto ao *Consello de Galiza*, tivemos um breve contato com a sua delegação em Paris (Xavier Alvajar), mas era já a época da “transición”, e o centro de gravidade da política de oposição retornou ao “interior”. Em deslocamentos à Suíça tive contatos com companheiros da *Societade A Nosa Galiza*, de Genebra. Posteriormente fui, para palestras de tema reintegracionista, à Bélgica, à Holanda, e à Alemanha.

Em certa altura desenvolveu atividades diversas uma denominada “célula de simpatizantes” da UPG em Londres, entre eles A. González Bouzas, X. Matalobos, J. Carvalho (militante) e eu: facilitava logística, publicações, e alguns fundos; posteriormente aquele apoio transferiu-se ao BNG.

Nos anos 70 a *Transport & General Workers Union* tinha uma seção que sindicava os trabalhadores estrangeiros da hosteleria, entre eles os galegos e os portugueses; eles não precisavam do inglês para se comunicarem entre si. Muitas diferenças com alguns diretivos das formações políticas galegas “de esquerda”

tiveram a sua origem na conceção da nossa língua; também na crítica, quando havia que fazê-la, à União Soviética: a questão do “moldávio”, entre outras, era inevitável para mim, movendo-me no mundo das línguas nos organismos internacionais.

Em fim, fui co-fundador, acionista e correspondente em Londres do primeiro semanário *A Nosa Terra* (reiniciado no 1977), co-fundador das Irmandades da Fala e encarregado da sua delegação em Londres e sócio da AGAL desde o começo.

Depois da catástrofe do *Prestige* constituiu-se o Grupo Galegos de Londres, que desenvolveu movimentações anti-poliuição, manifestando-se diante do edifício da Organização Marítima Internacional para protestar pela inoperância das suas medidas contra a contaminação e pela cumplicidade das autoridades espanholas, lendo uma proclamação em *Nunca Mais*, que depois entregamos no local da OMI; teve também intervenções no Foro Social Europeu.

Facilitei logística para ADEGA, e organizei nos anos 80 as protestas contra os vertimentos de resíduos radiativos ingleses na Fossa Atlântica; noutra ocasião veio um autocarro cheio de ecologistas galegos, que não cabiam na minha casa e tiveram que acampar no jardim.

Nos anos 90 coube-me a grande honra de ligar aqui com Ernesto Guerra da Cal para atividades luso-reintegracionistas, entre elas a participação galega nas negociações dos Acordos Ortográficos, que ele conseguiu para nós utilizando os seus contatos luso-brasileiros.

NOTA: A versão na íntegra deste artigo poderá ser lida em www.galiziave.org e www.pglingua.org



Nos anos 90 coube-me a grande honra de contactar aqui com Ernesto Guerra da Cal para atividades luso-reintegracionistas



A FOTO

Maximiliano Navarro

No pasado día 9 de Abril percorreu as ruas da Corunha umha manifestaçom convocada por vários sindicatos dos Correios em protesto pola privatizaçom e a liberalizaçom do servico de correios, o denominado "apagom postal". Participárom por volta de 300 manifestantes que proferírom palavras de ordem alusivas à greve geral e contrárias à privatizaçom do servico.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construçoms faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criaçom. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadei-

ro activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Escritor, crítico e membro do projecto editorial autogerido Estaleiro Editora, há anos que Mario Regueira mudou os estudos de direito pola literatura, para regozijo do seu público. Tem dous livros publicados em Xerais (*Rebelión no inverno*, de relatos, e *L'affiche rouge*, romance) e os seus livros de poemas *Tanxerina* e *Blues da Crecente* valérom-lhe dous prémios literários



As cousas que já som tuas

Havia polo menos sessenta anos que Giorgio e eu nom entrávamos. Minto, eu entrei umha vez num recreio, quando minha neta começou a estudar aqui, ainda que o pessoal nom me deixou que a levasse ao que já entom só eram faiados e que para nós foram tanto tempo postos de franco-atirador. Nom pudem mostrar-lhe a parte onde caiu a bomba nem ver de que jeito a reconstruíram. Tantas vezes que lhe contara que aquela era para mim e que só por minutos eu nom estivera ali, por alongar a sesta no claustro, adormecido polo sol da Emília a que lhe devo portanto a vida, e ela, a existência. Mas nom me deixárom, pouco importava que o seu avó fora um dos últimos milicianos junto com Giorgio, que resistira até os noventa, na beira dos impossíveis cem, esquivando todas as trampas da morte durante demasiados anos como para nom acabar resultando unha moléstia.

Mas nom protestei. Durante a ocupaçom entrávamos quase imediatamente na *Resistencia Partigiana*, porém nunca se nos ocorreria tomar o mosteiro até que os alemán botárom os frades e começaram a empregá-lo como ponto de operaçoms. A

fim de contas tínhamos vinte anos e sentíamo-nos ainda tam comunistas coma cristáns. Lembro a reverência com que entrávoms nas capelas, com as armas penduradas dos ombros mentres nos persignávamos com a cabeça baixa, o jeito em que pregamos polos mortos dessa primeira operaçom, quando expulsamos o batalhom germano e diante de nós só se estendia unha ruda determinaçom por resistir. Resistir. Aprendes que cousas som tuas



quando resistes por elas, quando as lixas com o teu sangue, quando vês morrer os teus camaradas ao teu redor. Nem os santos nos ajudárom a esquivar as balas e as bombas, nem os frades voltárom para nos trazer muníçom, ánimo, ou massa carbonara, comida de guerrilheiros. Foi muitos mortos depois quando decidimos que o mosteiro era nosso, do povo que o construíra com as maos e do que éramos filhos e a que defendíamos do fascismo nesses

mesmos muros. Por isso quando saímos ante o primeiro esquadrom americano figemo-lo com a única condiçom de que o mosteiro passasse às maos públicas, que nom voltasse à Igreja. Por isso nom protestei aquele dia, porque o mosteiro era do povo, e o povo ainda podia negar-me o permanecer dentro dele.

Hoje, porém, Giorgio e eu estamos convidados a passar. O alcalde estivo demasiados anos aguardando a que morrêssemos para vendê-lo a unha cadeia de hotéis, mas tem fodidas as próximas eleiçoms e quer procurar um retiro dourado. Hoje inauguram-no com umha homenagem aos dous históricos resistentes. Dim que vai haver dous quartos com o nosso nome e unha placa que nos honra. A resistência é algo complexo, penso mentres apalpo a velha bandeira vermelha dobrada no meu peto e caminho ao lado da cadeira de Giorgio. Complexo, penso, e fago o sinal à minha neta, que entre o público aguarda com os seus companheiros para tirarem também as bandeiras e as correntes com que se atarárom às portas, a aprender o teimudo jeito em que a resistência che fai amar as cousas que já som tuas.



LÍNGUA NACIONAL

Alfândega

Valentim R. Fagim

Sala de aulas de um centro galego de Formação Profissional. Estou a fazer uma exposição sobre a Lusofonia convidado por uma equipa de normalização linguística que acha que o português soma. Ouvimos Kalemba, de Buraka Som Sistema, um dos grupos chave do kuduro angolano. Todos e todas conhecem. Informam-me que saiu num programa de televisão da Cuatro chamado Fama e que foi passado nas rádios comerciais. De facto, foi até número 1.

Assim sendo, uma pergunta vem mesmo a calhar: que outros grupos de Portugal e do Brasil é que conheceis? Sai a palavra Fado, sai Carlinhos Brown e fica-se por aí. Ora, Fado é a Portugal o que Tângo a

Que na alfândega decidam por nós o que devemos ouvir ou deixar de ouvir na nossa língua é uma carência e fala claro da escassa soberania do nosso sistema cultural

Argentina. Quanto a Carlinhos Brown, a wikipédia espanhola afirma que a conquista do universo musical mundial por parte



do artista baiano foi mercê ao filme de Fernando Trueba, *El Milagro de Candeal*, que atingiu dois prémios Goya da Academia de cinema espanhol.

Que o cidadão médio castelhano conheça a sua pequena quota de sistema cultural lusófono através da alfândega espanhola é natural. É um produto numa língua estrangeira. Que na Galiza aconteça o mesmo virou natural mas devia preocupar-nos. Que na alfândega decidam por nós o que devemos ouvir ou deixar de ouvir na nossa língua é uma carência e fala claro da escassa soberania do nosso sistema cultural.

Ah, e esquecia, também conheciam o Quim Barreiros. Entrou ilegalmente. Que nome seja o único.

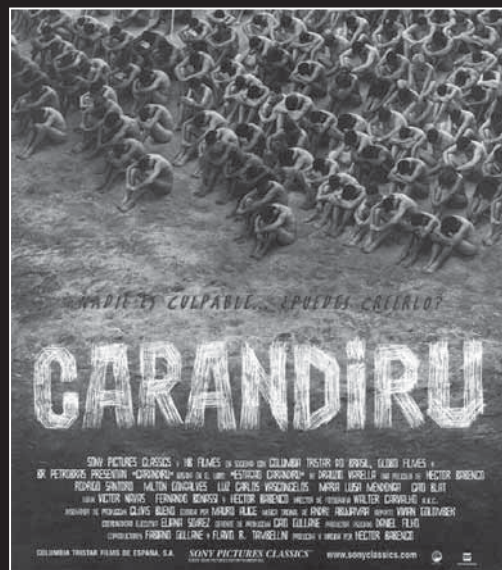
CINEMA PARA PENSAR

Francesco Traficante

Ainda que gostei do tam louvado filme *Cela 211*, com o nosso magnífico actor Luís Tosar, realmente não deixa de ser mais um filme de presos um bocado à americana, sem aprofundar realmente na realidade dos presos. Um filme que sim o fai, e de um jeito bastante mais crível e rigoroso, é o produzido em 2003 no Brasil, *Carandiru*, nome do bairro de São Paulo onde estava localizado este cárcere até o 2002. Da autoria de quem já podemos chamar um clássico do cinema brasileiro, Hector Babenco, a história transporta-nos a um retrato colectivo dos distintos presos e dos seus relatos ao princípio da década de 90, onde, do ponto de vista do médico que atende os reclusos, vamos vendo as distintas razões pelas que estão na cadeia, o tipo de relação que mantêm entre eles, com uma mistura de honra e violência extrema. Um lugar, que com sete mil e quinhentos reclusos para um cen-

tro de detenção pensado para quatro mil, acaba sendo uma sociedade em si mesmo. Chegamos a ver como há um mercado dentro, os seus familiares vão visitá-los mas juntando-se no pátio. Há até partidos de futebol com hino nacional incluído antes do jogo e com os guardas penitenciários fazendo a saudação militar de rigor, ou mesmo o pagamento de um aluguer a outros presos para poderem dormir numa cama. Tudo como se da mesma sociedade exterior à cadeia se tratasse.

Retrata como a SIDA alastra por toda a cadeia, até converter-se no problema mais grave, com um pavilhão dedicado exclusivamente aos doentes, campanhas de conscientização por meio de actuações de cantoras famosas, tudo para evitar o contágio de uma doença que na altura supunha uma condenação de morte. Ainda assim, vemos também a tolerância com a homossexualidade, chegando mesmo a emocionar a boda "postiça" que tem lugar na cadeia com duas das personagens mais entranháveis da



história. Bom guião, boa fotografia e um filme que em nenhum momento baixa de ritmo apesar das suas mais de duas horas e meia.

Descrevendo uns acontecimentos que aconteceram realmente, vemos o início de uma rebelião dos presos que se iniciou em 2 de Outubro

Carandiru

de 1992, algo quase inevitável no tempo num cárcere com uma superpopulação tam excessiva. Mas a realidade foi bem diferente ao que podemos ver em *Cela 211*. Aqui a repressom foi brutal. A polícia de choque brasileira matou a sangue frio quanto preso se cruzou no seu caminho. Nos factos reais morreram 111 presos e nenhum polícia, pois os presos em nenhum momento se enfrentaram a eles, sabedores de que os únicos a perder eram eles. A violência da repressom é ainda mais injusta se pensamos que em muitos casos eram só vítimas de uma sociedade tremendamente desigual que os empurrou a roubar e matar para sobreviver, na procura de dinheiro para comprar as drogas para poderem evadir-se da realidade ou por darem de comer a família. Já cumpriam longas condenações, mas afinal foram sacrificados como bodes expiatórios por um Estado imisericordioso com a carne de canhom da sociedade e pola qual nenhum polícia foi condenado. Cumpriam ordens, que é o que se diz nestes casos.